

Literatura de minorias: Klaus Krott vira estancieiro

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa¹

Resumo:

A narrativa „Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha“ (Como Klaus Krott se tornou dono de uma estância. Uma história da campanha gaúcha), produzida no sul do Brasil em língua alemã, testemunha e memoriza, no plano da ficção e de uma perspectiva não nacional, os embates culturais da ação colonizadora e pós-colonial entre etnias diferentes. Este texto tem por objetivo trazer à luz e apontar as singularidades desse fenômeno, que se distingue do britânico, considerado canônico, e também do argentino.

Palavras-chave: Alfred Reitz, colonização do sul brasileiro literatura pós-colonial brasileira, literatura da imigração alemã no Brasil, literatura brasileira de expressão alemã, literatura teuto-brasileira.

As observações que compõem este texto dão andamento a reflexões apresentadas nos dois últimos congressos de literatura comparada no Brasil, a saber, o XI Encontro Regional Abralic em São Paulo e o XVIII Congresso Internacional de Literatura Comparada no Rio de Janeiro ambos de 2007, com os títulos, respectivamente, “Lições de ética no canto do bem-te-vi” e “imagens da Alemanha na alfândega brasileira”. Remetem a um projeto de pesquisa intitulado “Literatura brasileira de expressão alemã” locado no site www.martiusstaden.org.br.

No último texto, constato que ainda hoje no Brasil se chama de alemão a qualquer sujeito louro de olhos azuis e se apelida de nazista ou de alemão a qualquer indivíduo altamente disciplinado e severo. Mostro que a sobrevivência de tais imagens dos alemães está, em parte, ligada à sua inscrição dentro da literatura brasileira canônica, atemporal, portanto. Apresento no outro texto um poema de um autor alemão, August Schnitzel (1842-1914), imigrado para o Brasil e membro da minoria étnica, que se estabeleceu no sul do país, e considero o seu texto, a partir da análise e interpretação, um documento do pós-colonialismo brasileiro, quase silenciado, devido à barreira da língua.

A história da minoria étnica alemã no Brasil difere daquela existente na Argentina e, segundo percebo, também de todas as outras na América do Sul. Num estudo excelente de Claudia Garnica de Bertona, intitulado “Un caso de literatura de minorías: la literatura en alemán escrita en la Argentina” (Bertona 2007: 79-85), verifica-se que a imigração alemã para a Argentina é mais tardia do que aquela acontecida no Brasil. Além disso, a (quase) totalidade dos imigrantes escritores naquele paísé de refugiados do nazismo que se instalam nas cidades. A temática, como se pode prever, é voltada para os problemas do exílio.

No Brasil, também há refugiados perseguidos por Hitler que acham acolhimento no nosso país. Izabela Kestler estuda a sua produção literária *lato sensu* em *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*.

Para além deste fenômeno, no entanto, devem-se considerar no Brasil as comunidades de língua alemã estabelecidas no ambiente rural, que, com o tempo, embora resistam, estimulam processos de assimilação, de aculturação e de hibridização ou de mestiçagem, e que produzem toda uma série de publicações igualmente literárias. Ouso dizer que a literatura produzida por esta minoria de

¹ Celeste H. M. Ribeiro de Sousa é professora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã na Universidade de São Paulo.

língua alemã é literatura brasileira de expressão alemã, considerando as circunstâncias e o ambiente de *Deutschbrasilianertum* (teuto-brasilidade) em que ela é produzida.

Deixando de lado o fato de haver gente germânica no Brasil desde sua descoberta, trago à luz as duas ondas principais de imigração. A primeira que responde ao pedido de mais habitantes para a colonização do Brasil e a formação de um exército brasileiro, pedido este formulado pelo imperador Pedro I, casado com uma austríaca e, depois, com uma alemã e continuado por seu filho Pedro II. São estes imigrantes de língua alemã que vão oferecer o substrato às futuras colônias e à formação de uma minoria étnica, que se agrupa e se isola, continuando a falar a língua materna e a cultivar os valores e costumes de seu povo, deixado para trás.

Durante e após os anos nazistas, esta minoria é confrontada sucessivamente com 3 fenômenos: o surgimento de divulgadores da ideologia nazista, a chegada de exilados, o acirramento da posse de duas identidades nacionais. Isto significa que, de um lado, todos os imigrantes alemães e seus descendentes continuam a ser, de fato, alemães, pois da perspectiva da Alemanha, é alemão todo o indivíduo nascido de pai e/ou mãe alemães (*jus sanguinis*). Vistas as coisas, assim, a minoria étnica alemã no Brasil é uma extensão da Alemanha em nosso país.

É fato, que a partir de 1935, o império de Hitler chega a convocar para o serviço militar na Alemanha descendentes de alemães nascidos no Brasil.

De outro lado, porém, esta minoria étnica, ao ter seus descendentes nascidos no Brasil, é pelas leis locais, subordinada ao *jus solis*, e percebida igualmente como brasileira. Desta confrontação de identidades nacionais emerge uma grande tensão, cujo ápice é atingido ao tempo do governo de Getúlio Vargas e do Estado Novo, quando o decreto de 18 de novembro de 1938 proíbe no país a atividade política de estrangeiros e abre o processo de nacionalização das minorias, forçando a sua assimilação, ao proibir o uso da língua alemã em território nacional e ao impor a língua portuguesa a todos os imigrantes. A língua alemã é proibida, sobretudo, nas escolas fundadas nas colônias, e todos passam a ser explícita e oficialmente brasileiros. As relações diplomáticas com a Alemanha ficam estremecidas e ambíguas até serem definitivamente cortadas em janeiro de 1942.

Deve-se observar, contudo, que no interior da minoria étnica de língua alemã, nem todos são alemães (há também suíços, austríacos, poloneses) e, mesmo durante o nazismo, nem todos aderem a esta ideologia. Somente uma minoria ruidosa, dentro da minoria, se torna militante. Mas isto também não quer dizer que os outros aceitem os termos criados pelo Estado Novo de “homogeneizar” uma “raça” brasileira.

Passada a guerra, entretanto, verifica-se que, pelo menos, a produção de literatura pela minoria étnica de língua alemã volta a ser escrita em alemão.

O que é, de que trata esta literatura?

Sabe-se que é uma produção vastíssima, que sobre ela há vários trabalhos críticos realizados e em processo, mas não se fez até hoje um levantamento exaustivo de tal fenômeno. É esse o objetivo do projeto de pesquisa citado no começo, que aceita iniciações científicas, mestrados e doutorados, ou seja, é objetivo precípuo do projeto a recuperação integral deste acervo.

A estas observações, também se deve acrescentar uma outra: “Nenhum povo pode viver em harmonia consigo mesmo sem uma imagem positiva de si” (Lourenço 1992: 61). E nenhum povo pode ter uma imagem positiva de si mesmo se não se preocupar e se não se ocupar em conhecer, analisar e avaliar sua(s) imagem(ns).

Imagens de um país há várias. A literatura, por exemplo, é uma área cultural em que elas abundam. E, dentro desta área cultural, extensa a perder de vista, há várias subáreas e, dentre as subáreas, escolhi para minhas reflexões imediatas, a chamada literatura de minorias e, ainda dentro desta subárea, recorto os produtos literários produzidos por um grupo de imigrantes de língua alemã

que se estabeleceram no Brasil, oficialmente, a partir de 1824. Legaram-nos, entre outros, uma literatura *sui generis* já parcialmente estudada, como dissemos, sem contudo se saber ao certo quantos textos autores e quantas obras foram produzidos no total.

Em geral, esta literatura não resiste à comparação com o cânone nacional brasileiro, embora haja exceções². Por longo tempo, tais produções literárias padeceram de preconceito, por ser sua carga poética bastante baixa, se considerarmos literatura como Ezra Pound “Great literature is simply language charged with meaning to the utmost possible degree” (Pound 1968: 23).

Entretanto, a literatura comparada, no decurso de sua longa trajetória, diante de fenômenos como o feminismo, a explosão “gay”, os novos movimentos de migrantes no mundo, trouxe para dentro de suas tarefas estudar também suas produções artístico-literárias³. Assim, a literatura da imigração alemã produzida no Brasil torna-se passível de ser analisada à luz de teorias contemporâneas da cultura, privilegiando conceitos como pós-colonialismo, pós-nacionalismo, diáspora, multi, pluri e transculturalismo, hibridismo, formações identitárias, alteridade.

É de se anotar o papel especial que os imigrantes oferecem ao trabalho comparativo: eles são os indivíduos mais adequados a trabalhar comparações, pois, em tese, são donos do distanciamento a isso necessário: distantes da cultura da origem e distantes da cultura de chegada. São eles os portadores da tão desejada perspectiva “supranacional”, de que fala Hugo Dyserinck, que marca a fronteira entre literatura comparada e filologia nacional.

Se a literatura comparada legitima o estudo da literatura das minorias, perguntemos, então, o que as produções literárias dos imigrantes de língua alemã mostram?

De imediato, imagens do espaço físico do Brasil à época da colonização, imagens da cultura dos colonizadores, contrastes com a cultura dos imigrantes de língua alemã, os valores de respeito, de lealdade, de hierarquia, a tendência ou a resistência à miscigenação, etc., o que faz dela, em parte, também uma literatura pós-colonial brasileira; uma literatura pós-colonial brasileira, ainda silenciada do grande público, por causa da barreira da língua e que convém, por isso mesmo, pesquisar.

Tomemos a título de exemplo a narrativa, de 1939, publicada no *Kalender* da editora Rotermund, *Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha*. (Como Klaus Krott se tornou dono de uma estância. Uma história da campanha gaúcha) de Alfred Reitz (1886-1951), imigrado para o Brasil em 1922. Seu texto original e a respectiva tradução, bem como os dados biobibliográficos do autor, já estão *on line* no projeto “Literatura brasileira de expressão alemã”, atrás citado.

Esta narrativa testemunha e memoriza, no plano da ficção e de uma perspectiva não nacional, os embates culturais da ação colonizadora entre etnias diferentes: a alemã e a brasileira.

A história da narrativa, ao que tudo indica, passa-se pouco depois de 1815, pouco antes da independência do Brasil em 1922, e tem como objetivo reconstruir a história emocional dos primórdios da povoação do sul do Brasil e o faz, lançando mão de um romântico triângulo amoroso entre um herói alemão, um vilão brasileiro e uma donzela teuto-brasileira, com desenlace feliz, através do casamento do alemão com a teuto-brasileira.

² - Há exceções. Uma delas é apresentada e analisada no texto “Lições de ética no canto do bem-te-vi. Da literatura da imigração alemã no Brasil ou da literatura pós-colonial brasileira” de Celeste Ribeiro de Sousa. In: *Literaturas, Artes e Saberes*. Anais do Encontro Regional Abralic 2007.

http://www.abralic.org.br/enc2007/programacao_simposios.asp. (Simpósio nº 34; texto nº 24).

³ - Leia-se: Apresentação: Brevíssima história da literatura comparada. In: Sousa, Celeste Ribeiro de (Org.) - *Imagologia. Coletânea de ensaios II de Hugo Dyserinck*. Site <http://geocities.yahoo.com.br/rellibra/>.

Este triângulo amoroso assenta, curiosamente, em panos de fundo espaço-temporais de tonalidades realistas, onde se identifica a teoria de Hypollite Taine (1828-1893): a compreensão do homem à luz do meio-ambiente, da raça e do momento histórico.

O herói, de nome Klaus Krott, é um alemão, ex-voluntário de guerra, feito prisioneiro pelos ingleses, que, ao se ver sem profissão definida depois das lutas e, portanto, sem trabalho, imigra para o Brasil atrás do sonho da aquisição fácil de terras e de gado.

No Brasil, embora sem profissão, depois de algumas dificuldades, consegue emprego, porque aqui há falta de tudo e tudo está por fazer. Como freqüentara a escola na Alemanha e era bom em desenho e aritmética, logo se engaja numa tarefa que exige especialistas, raros no país: a agrimensura.

Uma vez empregado, precisa interromper temporariamente, a certa altura, por motivos climáticos, o trabalho de agrimensor. Para ocupar o tempo, de repente livre, este imigrante e aspirante a proprietário também exerce o papel de professor alfabetizador dos seus colonizadores, fato *sui generis* na história dos pós-colonialismos.

O vilão, o jovem brasileiro Affonso, interessado na donzela teuto-brasileira que, por uma tragédia do destino perdeu os pais e foi criada como filha no seio de sua enorme família comunitária de origem açoriana, é rude, analfabeto, violento, como só pode ser um homem que vive no isolamento da campanha, tangendo gado, e que, movido pelo ciúme, tenta matar o alemão.

A família brasileira, porém, herdeira e cultivadora dos severos valores morais dos portugueses, defende a moça, de nome Inês, e casa-a com Klaus Krott, punindo Affonso.

Inês, ao repudiar Affonso, repudia também o fenômeno de assimilação cultural, voltando-se para a recuperação da língua e da cultura de seus pais. Desta resistência à aculturação fala Giralda Seyferth em *Nacionalismo e identidade étnica* (Seyferth 1982).

É evidente que a narrativa utiliza-se de dados da história, para lhes acrescentar o calor e a vida que neles se perderam. Começa num lugar chamado Mundo Novo (onde hoje ficam os municípios de Taquaral, Três Coroas e Igrejinha, a cerca de 90 Km de Porto Alegre), um lugar onde, à época, existiam companhias especializadas na medição de terras e de lotes.

A “Empresa Colonizadora Mundo Novo”, na narrativa, por exemplo, seria uma delas, e fora constituída por grileiros, conceito que o narrador se encarrega de explicar nos detalhes de suborno a autoridades e órgãos públicos. Nela o imigrante alemão Klaus Krott arruma seu primeiro emprego de agrimensor e é vítima dessa fraude. É o subdelegado que o ajuda, levando-o para a propriedade de seu sogro na Coxilha Sant’ana, na divisa com o Uruguai, onde hoje está Santana do Livramento, a 4 dias de viagem em lombo de mula de Mundo Novo. Na Coxilha Sant’ana encontram-se os 40.504 hectares das terras dos Monteiro que o alemão haveria de dividir pelas 33 famílias geradas no clã, mediante o recebimento de um lote como pagamento.

Estes elementos narrativos acham correspondência nos fatos históricos. De fato, consta que em 1814, o governo português concedeu uma sesmaria na costa do Rio dos Sinos a Antonio Borges de Almeida Leães. Esta sesmaria passou, então, a ter o nome de Fazenda Mundo Novo e foi vendida pela viúva Libânia Inocência Correa de Leães, em 1845, ao brasileiro Tristão José Monteiro e a seu sócio, pelo nome, o teuto-brasileiro Jorge Eggers. Tristão José Monteiro e Jorge Eggers criaram, então, aqui a colônia de Santa Maria do Mundo Novo, mas Eggers logo vendeu sua parte a Monteiro. Para lá atraíram colonos de São Leopoldo, a quem venderam a maior parte das terras, tendo lá se fixado também alemães vindos diretamente da Alemanha. Hoje: Igrejinha, Taquara, Três Coroas. A casa de pedra (Steinhaus), que aparece na narrativa, construída por Monteiro que servia de armazém para abastecer a colônia, ainda lá se encontra.

Quanto ao tempo da narrativa há uma ligeira discrepância. Ao que parece, o autor levou em conta o ano de 1814, como o da compra feita por Tristão Monteiro, já que o seu protagonista diz ter participado de uma guerra e ter sido feito prisioneiro dos ingleses e isto só pode ter acontecido ao tempo em que Napoleão se pôs a conquistar a Europa, tendo se estabelecido no Sacro Império e acabado com ele, com o apoio de vários senhores alemães, só vindo a ser derrotado pelos ingleses na batalha de Waterloo.

Claro está que esta narrativa não resiste a uma análise textual mais elaborada. Para tanto, falta-lhe, entre outros, profundidade na construção das personagens. Interessante, no entanto, é verificar que constitui testemunho emocional da resistência dos alemães à cultura brasileira e de seu papel de civilizadores de seus, em princípio, colonizadores.

Entretanto, o poema escrito por outro imigrante desta mesma minoria étnica, investigado e apresentado no Encontro Abralic em São Paulo, tem valor poético significativo. Em texto lingüisticamente elaborado, um bem-te-vi, intencionalmente mantido em língua portuguesa, assume as funções policialescas do governo imperial brasileiro, abrindo a possibilidade de os alemães, alegoricamente representados por um eu lírico infantil, queixarem-se da falta de liberdade.

A discrepância entre uma realização literária e outra só corrobora a necessidade de se continuar a investigar a literatura produzida por esta minoria de língua alemã no Brasil.

Referências Bibliográficas:

- Bertona, Claudia Gernica de. Un caso de literatura de minorías: la literatura en alemán escrita en la Argentina. In: *Anuario Argentino de Germanística*, Actas de las XIV Jornadas de la Asociación Argentina de Germanistas, III, 2007 (79-85).
- Kestler, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Trad. Karola Zimmer. São Paulo, Edusp, 2003.
- _____: *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt a. M., Peter Lang, 1992.
- Lourenço, Eduardo – *O labirinto da saudade*. 5ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1992, p. 61. (escrito em 1978).
- Pound, Ezra. *Literary Essays*. New York, A New Directions Book, 1968, p. 23.
- Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Iajaí*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.